REVISTA DA FUNDARTE
ANO 20
NÚMERO 42
JULHO A SETEMBRO DE 2020
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

NARRATIVAS DE/PARA CRIANÇAS:
IMAGENS
MEMÓRIAS
HISTÓRIAS



É FOGO… PROCESSO CRIATIVO EM ÁREAS DE RISCO

Maria da Graça Muniz Lima

DOI: 10.19179/2319-0868.799

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 20
NÚMERO 42
JULHO A SETEMBRO DE 2020
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
NARRATIVAS DE/PARA CRIANÇAS: IMAGENS MEMÓRIAS HISTÓRIAS



É FOGO… PROCESSO CRIATIVO EM ÁREAS DE RISCO

Maria da Graça Muniz Lima[1]

Resumo: O Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa, conhecida no mundo inteiro por suas belezas naturais, é também caracterizada por contrastes sociais extremos, onde a vida em comunidades de baixa renda, marginalizadas pela crescente violência, ultrapassa os limites geográficos e ganha o mundo pela voz da mídia. Nesse cenário, crianças vivenciam situações de extremo risco que se entrelaçam com demais experiências e constroem conceitos e sua visão de mundo, impactadas pelo meio em que vivem. Nas escolas públicas que atendem crianças dessas comunidades, a violência ultrapassa o cotidiano e cria registros cruzados com o imaginário em narrativas culturais ricas de expressividade. Pensar a criança, nesse contexto específico, é um desafio que ganhou destaque nos últimos anos com pesquisadores da infância dentro do cenário brasileiro. Este artigo apresenta o desenho como ferramenta de construção, que contribui no processo de estruturação do pensamento e do olhar estimulando a criatividade e a liberdade de pensar. Nossa reflexão parte do resultado da uma oficina de imagem narrativa, desenvolvida no projeto "Segundo Turno Cultural", que atendia o "Programa Escolas do Amanhã". Os casos relatados se deram na escola municipal Julia Lopes, localizada em Santa Teresa, com alunos em sua maioria oriundos da comunidade do Morro dos Prazeres, e na escola municipal Anne Frank, situada dentro do terreno do Palácio Guanabara, sede do governo do estado, no bairro das Laranjeiras, onde os alunos pertencem a famílias de prestadores de serviços no comércio e condomínios da região.

Palavras-chave: Processos de criação; Crianças; Zona de risco.

IT'S HARD… CREATIVE PROCESS IN RISK ZONES

Abstract: Rio de Janeiro, the Wonderful City, known throughout the world for its natural beauties, is also characterized by extreme social contrasts, where life in low-income communities, which are marginalized by growing violence, surpasses geographical boundaries and gains the world through the voice of the media. In this scenario, children experience situations of extreme risk that are intertwined with other experiences and develop their concepts and views of the world, impacted by the environment in which they live. In public schools that serve children in these communities, violence goes beyond everyday life and creates records that are crossed with the imaginary in highly expressive cultural narratives. Looking at children in this specific context is a challenge that has, in recent years, been in the foreground of childhood researchers in the Brazilian scene. This article presents drawing as a tool for narrative construction, which contributes to the process of structuring the mindset and the views by stimulating creativity and free thinking. Our reflection derives from the outcomes of a workshop on narrative image, developed in a project called Segundo Turno Cultural (Second Cultural Round), in the realm of a program called Escolas do Amanhã (Schools of Tomorrow). The cases herein took place in the Julia Lopes Municipal School, located in the district of Santa Teresa, with students who come

[1] Professora da Escola de Belas Artes da UFRJ. Designer, ilustradora e autora de livros infanto-juvenis, já tendo publicado mais de 100 obras. Ganhou vários prêmios com seu trabalho, entre eles os da FNLIJ Prêmio Luis Jardim, Prêmio Malba Tahan, Prêmio O Melhor para o Jovem e muitos Altamente Recomendável. Foi indicada entre os finalistas para o prêmio Jabuti muitas vezes e recebeu em 1982, 1984 e 2003 este prêmio na categoria de ilustração. Fora do Brasil recebeu quatro vezes a Menção White Ravens da Biblioteca de Munique na Alemanha. Alguns de seus trabalhos já viajaram por outros países e foram publicados em catálogos Internacionais como o Catálogo de Ilustradores da Feira de Barcelona, na Espanha; o da Feira de Frankfurt, na Alemanha, o Catálogo da Feira da Brastslávia; e o Catálogo Brazil a Bright Blend of Colours, feito pela FNLIJ para divulgar o trabalho dos ilustradores brasileiros.

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



mostly from the Morro dos Prazeres community, and in the Anne Frank Municipal School, located in grounds of the State Government's Palace of Guanabara, in the district of Laranjeiras, whose students come from families of local retailers and service providers.

Keyswords: Creative process; Crildren; **R**sk zones.

C'EST CHAUD...LA CRÉATION DANS DES ZONES DANGEREUSES

Résumé: Rio de Janeiro, la « cité merveilleuse », connue dans le monde entier pour sa beauté naturelle, se caractérise également par des contrastes sociaux extrêmes. La vie dans des bidonvilles, marginalisés par la violence croissante, franchit les frontières géographiques et gagne le monde par la voix des médias. Dans ce paysage, les enfants sont exposés à des situations de risque extrême qui s'entremêlent avec d'autres expériences, construisent des concepts ainsi que leur vision du monde. Dans les écoles publiques desservant les enfants de ces bidonvilles, la violence déborde le quotidien qui s'imprime dans leurs imaginations. Chez eux, ces éléments se combinent avec des ingrédients de l'imaginaire construisant des récits culturels riches d'expressivité. Penser l'enfant dans ce contexte particulier est un défi qui a pris de l'importance avec des recherches récentes sur l'enfance dans la scène brésilienne. Cet article présente le dessin comme un outil de construction contribuant au processus de structuration de la pensée et du regard et stimulant la créativité et la liberté de pensée. Notre réflexion prend appui sur un atelier d'image narrative développé au sein du projet « Seconde période culturelle » (Segundo Turno Cultural), qui desservait le programme « Écoles de demain » (Escolas do Amanhã). Les cas décrits ont eu lieu dans deux écoles municipales de la ville de Rio de Janeiro. La première est l'École Julia Lopes, située dans le quartier de Santa Teresa, dont la plupart des élèves proviennent d'un bidonville du Morro dos Prazeres. La seconde est l'École Anne Frank, située dans l'enceinte du Palais Guanabara, siège du gouvernement de l'État de Rio de Janeiro, dans le quartier aisé de Laranjeiras. Ces élèves-ci sont issus de familles travaillant dans le commerce et dans les condomínios (spèce des villas) de la région.

Mots-clés: Création; Enfant; Zones dangereuses.

Purgatório da beleza e do caos – construindo simbolização

Rio quarenta graus
Cidade maravilha
Purgatório da beleza e do caos
Capital do sangue quente do Brasil
Capital do sangue quente
Do melhor e do pior do Brasil
Cidade sangue quente
Maravilha mutante
O Rio é uma cidade de cidades misturadas
O Rio é uma cidade de cidades camufladas
Com governos misturados, camuflados, paralelos

Rio 40 graus – Abreu/Fawcett/Laufer

A discussão sobre a importância do ensino da arte pressupõe um debate filosófico que envolve a conceituação do que é o homem. Encontramos no pensamento

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



de Ernst Cassirer os elementos para examinar estas questões. Cassirer pensa o homem como animal simbólico, que organiza sua experiência através de símbolos, que são formas de sentir e de conceber. A concepção da natureza do homem como *animal symbolicum*, que Cassirer nos apresenta em seu *Ensaio sobre o homem* (2005, p. 49) assim corrigindo e ampliando a definição clássica do homem como *animal rationale*, foi resultado de um estudo elaborado acerca das formas com que o mundo da experiência humana se articula por meio de vários modos de atividade característica do pensamento do homem: a simbolização.

Nesta redefinição da natureza do homem está implícita uma determinada teoria do conhecimento, isto é, uma teoria que fundamenta e explica a maneira e o processo pelos quais o homem vem a conhecer o mundo, que perpassa todas as dimensões da ação humana, sem descaracterizá-las, permitindo fazer a aproximação entre as formas de conhecimento da ciência e da arte.

A ciência e a arte, como formas simbólicas, podem ser descritas como conhecimento da realidade. A presença destas na experiência humana mostra que somos capazes de alterar nossa visão da realidade. No entanto, a consciência da profundidade das coisas sempre requer um esforço da parte das nossas energias ativas e construtivas, porque não se movem na mesma direção nem para o mesmo fim, apresentando aspectos diferentes da realidade. Existe uma profundidade conceitual e uma profundidade visual na estruturação do conhecimento. Aquela é descoberta pela ciência e nos ajuda a compreender a razão das coisas; esta nos é revelada pela arte e nos ajuda a compreender suas formas.

No livro *Ensaio sobre o homem*, o filósofo Ernest Cassirer (2005) analisa as principais formas simbólicas do empreendimento humano: a linguagem, o mito, a arte, a religião, a história e a ciência. No capítulo dedicado à arte, diz que a linguagem e a arte oscilam constantemente entre dois polos opostos, um objetivo e outro subjetivo. Nenhuma teoria da linguagem ou da arte poderia esquecer ou suprimir qualquer um desses polos, embora a ênfase possa ser dada ora a um, ora a outro. O *símbolo* é a chave para a natureza do homem: “[...] portanto, o processo de conhecimento é

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



originado da capacidade inerente ao homem, que o distingue dos animais, para organizar sua experiência por meio de símbolos".

No primeiro caso, a linguagem e a arte são agrupadas sob o mesmo título, a categoria da imitação, sendo mimética a sua principal função. A linguagem tem origem na imitação de sons e a arte é uma imitação de coisas externas. A imitação é um instinto fundamental, um fato irredutível da natureza humana. "A imitação", diz Aristóteles, "é natural para o homem desde a infância; uma das vantagens que ele tem sobre os animais inferiores é esta, ser a criatura mais imitativa do mundo, e aprender no início por imitação" (1909, p.226). Mesmo em situações em que a imagem provoca um certo desconforto, existe um prazer em observá-la por sua capacidade detalhada de reproduzir a realidade como representações da arte, tal qual a morte e tudo que a ela está ligado. Aristóteles descreve esse prazer como uma experiência de aprendizagem pelos sentidos que envolve também a estética.

Em 2009, a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro fez um acordo com a UNESCO para implementação do Programa Escolas do Amanhã. A iniciativa se destinava a 150 escolas situadas em áreas de risco da cidade do Rio de Janeiro. O programa visava a melhoria do desempenho escolar e à redução das taxas de abandono e evasão. Para a implementação de novas práticas e atividades extra curriculares, as escolas funcionavam em uma rotina de horário integral buscando atrair as famílias e a comunidade, prevenir a violência e promover a cultura de paz.

Em 2010, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, a Secretaria Municipal de Cultura lançou o projeto Segundo Turno Cultural. Era composto de oficinais culturais extracurriculares, oferecendo aulas de música, dança, teatro, leitura e outras narrativas audiovisuais, e atendendo estudantes das escolas do Amanhã e mais 15 colégios localizados nas imediações de bibliotecas comunitárias municipais.

A oficina *Contando e Ilustrando* fazia parte das opções oferecidas pelo Segundo Turno Cultural e visava elaborar registros gráficos em colaboração com o coletivo de cada turma[2].

[2] Trabalhamos em grupos de 4 professores, com 2 escolas de Ensino Fundamental cada grupo. Atendemos colégios na Ilha do Governador (Favela do Dendê), Vicente de Carvalho (Favela do



As esperanças e temores, ilusões e desilusões do cotidiano, eram trazidos em suas fantasias e sonhos. Cassirer postula que o homem se surpreende mais com suas opiniões e fantasias do que com os fatos reais, o que amplia a definição clássica do homem. Em nossas oficinas, foi possível registrar, inúmeras vezes, que a violência do cotidiano era naturalizada, enquanto que o universo de narrativas fantasiosas da televisão tomava graus de discussão e alterava a opinião e visão do mundo.

A influência de estereótipos raciais e sociais na construção do olhar apareceu com frequência durante as aulas. No decorrer de um exercício de desenho, em que cada criança deveria fazer um autorretrato, um grupo de meninas negras e mestiças se desenhou como princesas louras, de olhos azuis e pele rosada. Questionadas sobre o resultado do desenho, as meninas disseram que aquela era uma maneira de serem "bonitas", pois se achavam feias.

Esse abismo sociocultural que separa os negros do restante da população brasileira é resultado do período de escravidão, gerando uma visão pejorativa em relação à estética negra, fato do qual a comunidade negra tenta se desvencilhar até hoje. Segundo Jurandir Freire Costa, no prefácio de "Tornar-se Negro", a experiência de ser negro é a de ser "violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro[3]"

Pensando a criança como ser que constrói e cria cultura, o ato de brincar pressupõe uma aprendizagem social, pois com ele se aprende o jogo das relações adultas. Nesse sentido, a realidade irá se espelhar na versão, criada pelos alunos, de uma das unidades para a música do jogo "Quem roubou o pão?": *Iago roubou pão, na casa de João, assaltou a geladeira e levou tiro na mão.* O refrão era cantado em tom de funk, fazendo do ato violento uma brincadeira…

Juramento), Lins de Vasconcelos (Complexo do Lins - 9 favelas), Gávea (Rocinha), Santa Teresa (Providência), Senador Camará (Complexo da Coréia), Bangu (Favela Vila Aliança), e atendemos também a Biblioteca Popular Machado de Assis, em Botafogo, recebendo as crianças da Escola Anne Frank, em Laranjeiras, e a Biblioteca Popular Vinicius de Moraes, no Leblon.

[3] Excerto do prefácio ao livro "Tornar-se negro", de Neusa Souza, Ed. Graal, 1983.



Podemos dizer que as brincadeiras são a reelaboração criativa daquilo que as crianças conhecem. A versão da música para a atividade recreativa em sala confirma o pensamento de determinados autores, inclusive Vigotsky (2009), ao defenderem que a imaginação é uma combinação daquilo que as crianças já conhecem com novas formas de pensar a realidade. Esse é certamente o princípio usado pelas crianças na recriação da letra da música do jogo a partir da violência presente na comunidade.

Em relação ao registro gráfico, a construção do conhecimento não se dá somente pela reconstituição interna em busca de uma cópia fiel da realidade, nem pela incorporação das características dos objetos. Ela implica também num movimento ambíguo, que se transforma dialeticamente quando adultos e crianças, seres múltiplos e complexos que são constituídos por elementos contrários e complementares, se reapropriam da atividade em si, da brincadeira mesma, criando e produzindo novos conhecimentos.

Betty Edwards, artista plástica, doutora em artes e professora de desenho da Universidade Estadual da Califórnia, desenvolveu um método que estimula a utilização do hemisfério direito, normalmente adormecido na maioria das pessoas, provocando um desbloqueio da “veia artística”, abrindo um campo de amplas possibilidades.

Ao desenhar, recorre-se ao lado direito do cérebro, que processa informações de uma forma diferente e é quase sempre obscuro e pouco utilizado. O desenho leva ao raciocínio criativo e intuitivo. A maneira tradicional pela qual a escola trabalha não estimula suficientemente a visão espacial dos alunos, pois tem privilegiado o desenvolvimento dos atributos do hemisfério esquerdo, o que implica em dificuldades na aprendizagem de determinados conteúdos que requeiram as habilidades do hemisfério direito. A linguagem verbal é um sistema simbólico fundamental, mas já não é o único. Valorizando apenas o sistema de linguagem oral ou escrita, a escola não dá a oportunidade para a realização de experiências que podem ampliar a competência simbólica. A criança abandonará o desenho se nele não encontrar prazer e se não lhe for permitido realizar toda a exploração de sua função expressiva e de seu potencial criativo. É necessário repensar nossa maneira de olhar para o desenho de uma criança e criar um ambiente verdadeiramente próprio para sua exploração.

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Aqui relatamos experiências práticas com o desenho, desenvolvidas em nossas oficinas do Segundo Turno Cultural. Procuramos estimular o olhar como forma de conhecer aquilo que se vê. Utilizamos o desenho de observação como processo construtivo de repertório, pois observamos que as crianças tinham um universo de registros gráficos muito limitado que é conduzido por estereótipos e captado como forma absoluta no entendimento. A captura visual de fauna, flora, edificações e pessoas é sempre muito influenciada pelo que já foi visto e está armazenado no cérebro. Nosso trabalho visava tornar o desenho o elemento condutor na criação de narrativas, capaz de auxiliar o aluno a desenvolver tanto a visão espacial quanto a capacidade inventiva, intuitiva e imaginativa.

Para uma análise comparativa, escolhemos o trabalho realizado em duas escolas: Escola Julia Lopes e Escola Anne Frank. A Escola Julia Lopes se situa nas proximidades do Morro dos Prazeres, que é uma comunidade considerada de risco, onde acabara de ser instalada uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no âmbito do projeto da Secretaria Estadual de Segurança do Rio de Janeiro, que pretendia instituir polícias comunitárias em favelas como forma de desarticular os governos paralelos das quadrilhas ligadas ao narcotráfico. A guerra entre facções criminosas, para controle de pontos de venda de drogas, gera um clima de medo e instabilidade na população dessas áreas. Os grupos de traficantes são formados por jovens, que na maioria das vezes são cooptados ainda crianças. Eles exercem uma ação de provedores de necessidades da comunidade da qual o Estado se ausenta, como pagamentos de médicos, medicamentos, auxílio funeral, auxílio para compra de material escolar, e outras mais ou menos básicas. Em troca, e em busca de um pouco de paz, a comunidade guarda silêncio. A frequente disputa entre grupos rivais pelo domínio das áreas de comércio de drogas provoca uma guerra em que os moradores sobrevivem entre tiroteios. Desde o nascimento, as crianças são submetidas a essa realidade, onde balas perdidas podem *achá-las* a caminho da escola ou quando correm livres brincando entre as muitas vielas. Infância roubada, brincadeiras roubadas, paz roubada! Essa é a realidade de nossas áreas mais pobres, onde muitas vezes o acordo entre milicianos, traficantes e polícia... é a única saída. A entrada das UPP´s veio apenas determinar

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



acordos entre quadrilhas e polícia, sem representar de fato uma virada na qualidade de vida. O Segundo Turno Cultural seria uma tentativa de acolher as crianças dessas áreas dentro de um ambiente de formação e por um tempo maior do que apenas um turno escolar.

As oficinas do projeto variavam entre muitas possibilidades culturais. As mais procuradas envolviam música, dança, teatro ou atividades esportivas, onde a liberação do estresse acumulado no corpo se fazia de maneira mais imediata. Corpos inquietos, muito movimento, muita fala e dificuldade de concentração! O corpo querendo liberar a energia contida e o desenho necessitando de respiração e contenção! Tinham a duração média de três horas, mas os primeiros 60 ou 90 minutos eram gastos em conseguir que eles se concentrassem.

A teoria do processo de civilização de Elias (2000) aponta para o desenvolvimento em conjunto do aparelho psíquico, denominada psicogênese, e para as cadeias de relações sociais, a sociogênese. Os modelos assumidos no processo não podem ser apreendidos como entidades abstratas, fora das dinâmicas concretas de cada tempo histórico e sociedade.

O conceito de *civilité* foi concebido em 1530, a partir de um tratado intitulado “A civilidade em crianças ou a civilidade pueril”, de Erasmo de Rotterdam. Esse livro teve importância determinante, pois preconizou novos modos de comportamento e maneiras de conduzir a vida e a sedimentação de costumes para a boa educação das crianças. A civilização foi um processo de produção simbólica. A edição e a difusão de livros contribuíram ativamente na construção do conceito de civilidade, pois destinavam-se em seus primórdios à divulgação de regras para a vida em sociedade. Essa literatura, acionada através da leitura, movimenta um conjunto de disposições íntimas à imitação e ao aprendizado que servirão como referência social. Os livros produzem efeitos e afetos no processo de leitura. Entre a fruição do texto, como brincadeira e diversão, e a leitura, como instrução. Os livros são objetos preciosos no largo movimento de formação e interiorização da experiência do mundo, e a leitura é atividade bastante eficaz para essa assimilação. Desse modo, a criação de livros com as crianças seria peça-chave no processo de civilização. Os livros difundem ideias e valores, que ficam impregnados no

condicionamento do que é permitido e do que é proibido existir, influenciando intimamente na estrutura de emoções e formando sensibilidades.

Ao contrário de muitas, nossa oficina apresentava um desafio: silêncio interno e foco para desenhar. Boa parte das três horas que tínhamos era utilizada para concentrá-los e tentar conduzir algo com duração maior que 10 minutos. O mínimo descuido era o suficiente para aquele esforço todo desandar, pois muito facilmente os alunos perdiam o interesse, começavam a brigar e instalava-se o caos. Os materiais de desenho, escassos, eram desperdiçados e os desenhos, descartados sem o menor valor para eles. Por não terem acesso a uma maior compreensão do desenho, o que faziam era de maneira intuitiva e rudimentar, o que produziam não lhes interessava. Numa das aulas, tinha comigo um bule que utilizaria à tarde com os alunos da universidade, mas resolvi testar o que aconteceria se eu lhes ensinasse a observar e registrar o objeto. Arrumei as carteiras em torno de uma das mesas, onde coloquei o bule, e no quadro fiz um retângulo. Fui conduzindo a observação e desenhando o bule dentro daquele espaço. As crianças ficaram interessadas e começaram gradativamente a seguir as coordenadas. A agitação se transformou em silêncio e a concentração durou 40 minutos. Mergulharam em si!





Imagens 1 e 2: Desenhos de produzidos pelas crianças nas oficinas. (Fonte: Autora)

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



O resultado foi surpreendente, tanto para mim quanto para as crianças, que foram tomadas por uma onda de felicidade ao se depararem com a representação feita, muito próxima do objeto que estava ali na sua frente. Orgulhosos de seus desenhos, quiseram levá-los para mostrar à diretora da escola. Esse foi o divisor de interesse e dedicação na oficina. A frequência aumentou e surgiram novos alunos.

A aula de arte no currículo escolar é frequentemente compreendida como algo sem utilidade, sem valor. Muitos professores colaboram para esse entendimento através do desinteresse que demonstram pela produção do aluno. O despreparo para a condução de um trabalho que leve a criança a ampliar seus meios de expressão favorece estereótipos e equívocos na construção de um repertório gráfico. Ensinar a observar a forma e as diferentes maneiras de registrá-la não é coibir o processo criativo infantil e sim aparelhar o seu fazer. Submetida às imposições de conhecimentos do professor, a criança é por vezes alienada do seu potencial. Isso se dá porque muitas vezes o sistema confunde conduzir, apoiar e construir com impor. Estruturando seu modo de ver e registrar o mundo através de variadas técnicas e materiais que lhe são oferecidos, a criança não ficará refém do ensino e da avaliação, que menosprezam e rebaixam suas possibilidades de subversão de cores, formas, criação e subjetividade. Ostrower (1987) enxerga que, infelizmente, na escola ainda se

> "desconsidera a criatividade genuína, a possibilidade de cada pessoa tentar encontrar, nos variados momentos do seu fazer, a sua própria medida de capacidades, dentro de sua sensibilidade própria, e o ser valorizada naquilo que ela realmente é e naquilo que ela pode ser." (p. 13-14).

Na cultura da imagem, o ver está para o sentir assim como o olhar está para o pensar. Pensar a criança como ser social que constrói e cria cultura significa defender suas possibilidades de contar, de narrar o mundo que a cerca.

Maravilha Mutante – Observação e registro

Na segunda etapa da oficina com os alunos da Escola Júlia Lopes, fomos para a área externa da escola observar as árvores e fugir do registro estereotipado existente nos livros didáticos, onde árvores são bolinhas verdes com bolinhas vermelhas, maçãs inexistentes em nosso território.

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

O Rio de Janeiro possui uma floresta com fauna e flora variada e rica. Observá-la e aprendê-la é um ato de amor que devemos construir desde a infância. A Escola Julia Lopes fica na encosta da floresta tropical, onde árvores seculares abraçam a cidade. Sentados no chão com suas pranchetas, os alunos iniciaram a observação de uma enorme árvore que existe na frente da escola.



Imagem 2: Desenho de árvores produzido durante a Oficina. (Fonte: autora)

Os desenhos produzidos registravam a estrutura da árvore com tronco, galhos, folhas, texturas – desenhos espontâneos e expressivos. De volta à sala de aula, levamos folhas secas que estavam caídas no chão e as crianças desenharam a variedade de formas e tamanhos. Depois de desenhadas as folhas, cada aluno recortou as suas e todos organizaram uma composição que foi colada num enorme papel, produzindo uma estampa.

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Imagem 3: Estampa digital produzida a partir de desenhos da oficina (Fonte: autora)

Eles trabalharam com interesse e curiosidade. Numa etapa posterior, a estampa de folhas, as árvores e os outros desenhos feitos em sala foram digitalizados e coloridos no computador.

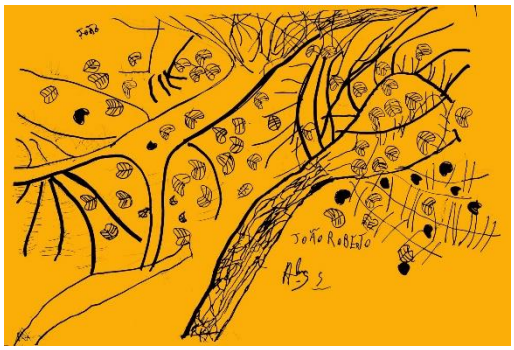


Imagem 4: Estampa digital produzida a partir de desenhos da oficina (Fonte: autora)

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Imagem 5: Estampa digital produzida a partir de desenhos da oficina (Fonte: autora)





Imagens 6 e 7: Estampas digitais produzidas a partir de desenhos da oficina (Fonte: autora)

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Imagem 8: Estampa digital produzida a partir de desenhos da oficina (Fonte: autora)

A descoberta do potencial de criação do grupo foi gerando um encantamento cada vez maior – maravilha mutante – com novas propostas. O mundo de formas e cores que os rodeava passava a ser parte ativa do repertório visual em transformação.

O Rio é uma cidade de cidades camufladas, com governos misturados, paralelos...

Segundo Abramovay (2005) pode-se afirmar que a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um local que reproduz as arbitrariedades que acontecem na nossa sociedade, a nível macro e, ao mesmo tempo, devido às suas especificidades como instituição, fomentando e construindo múltiplos e variados tipos de violências. A escola pode ser vítima, mas também autora de processos opressores. No quadro da vítima, pode-se considerar que a violência existe na sociedade, independente da escola. A autora traça um panorama dos diferentes tipos de violências que influenciam o contexto escolar. O primeiro tipo é denominado de violência nas escolas, relacionado ao tráfico que se faz presente através das disputas territoriais, da participação dos alunos em gangues, da venda e consumo de drogas nas comunidades.

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Na última etapa da oficina, na Escola Julia Lopes, iniciamos a construção de uma narrativa que se transformaria em livro. Dividimos os alunos em duplas e entregamos, para cada um deles, duas folhas de papel A4 conectadas verticalmente. Cada aluno deveria observar o colega de dupla e desenhá-lo, aproveitando, da melhor forma possível, o espaço das folhas conectadas. De início, houve muita dificuldade em observar os detalhes do outro. Eles riam e se movimentavam, provocavam o colega. Estarem consigo e com o outro, escutando e olhando os limites no espaço, não era fácil. Se observar era difícil, registrar a observação ocupando as duas folhas também o era. Alguns desenhos ultrapassavam os limites das duas folhas e outros sequer ocupavam o espaço de uma delas. Os trabalhos foram finalizados com colagem, lápis de cor e canetinhas, e foram, em seguida, digitalizados. Tínhamos então um grupo de personagens para usar na construção narrativa. Os desenhos foram reduzidos para caber no formato do livro. Recortados em tiras, foram dobrados ao meio e colados na página. A face dobrada serviria para desenhar a casa de cada personagem. Uma vez que tivéssemos esses personagens e os respectivos cenários, poderíamos iniciar uma narrativa.

Bruner (1997) acredita que as maneiras de contar o que se viveu e os meios de conceitualizar que acompanham as crianças tornam-se tão habituais que constituem formas de estruturação da experiência. Segundo esse autor, tais formas narrativas organizam e provêm o contexto adequado para o relato de vivências pessoais. Elas determinam quais aspectos da experiência vivida serão expressos dando a atribuição de significado que os seus criadores acham possível.

Com todos os personagens criados e suas respectivas casas, tínhamos tanto protagonistas quanto plateia. Pedi que os alunos falassem quem eram aqueles personagens, o que faziam na vida, onde moravam e qual seria a história deles. Um dos alunos, menino bastante proativo, conectou três ou quatro folhas e determinou que a história seria a de um dragão. Ele se pôs a desenhar e logo foi acompanhado por todo o grupo, excitado com a fantástica imagem de um dragão. À medida que desenhavam, foram narrando a história:

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.

Era uma vez uma cidade onde moravam muitas pessoas boas e trabalhadoras. Elas estavam tristes e amedrontadas porque existia um dragão que não as deixava em paz. Todo dia, o dragão aparecia nas ruas e soprava bolas de fogo, queimando casas e gente. As pessoas estavam realmente apavoradas e decidiram se unir para conversar com o dragão, que morava numa montanha ali perto. Chegando na casa do dragão, todos estavam com medo do que aconteceria. Chamaram:
– Dragão! Dragão! Dragão!...
– QUEM ME CHAMAAAA? !!!!!!!!!!!!
O dragão saiu gritando e cuspindo fogo.
Assustado, o grupo falou:
– Viemos saber por que você não para de nos assustar e jogar fogo na cidade.
O dragão falou:
– Preciso de comida. Tenho um filhote e vou à cidade para conseguir o que quero.
O grupo falou:
– Podemos fazer um trato?
O dragão perguntou:
– Que trato?
O grupo falou:
– Poderemos trazer comida para vocês todos os dias daqui pra frente e, em troca, vocês nos deixam em paz.
Contente, o dragão aceitou.
Acertaram como a comida seria entregue e viveram felizes dali em diante.

Os desenhos foram concluídos; as páginas do livro montadas com a capa; e a oficina terminou. O dragão que ocupara a comunidade recebeu o seu trato de comandos paralelos e os moradores seguem intervalos de paz na guerra camuflada.

Imagem 9: Dragão produzido a partir de desenhos em folhas A4 (Fonte: autora)



Estabelecendo um paralelo, a mesma oficina foi realizada também na Escola Anne Frank, que – repetimos – se situa na área do Palácio Guanabara, bairro de

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Laranjeiras, Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Os alunos são oriundos de famílias de trabalhadores de atividades básicas do local, tais como porteiros, diaristas, vendedores, entre outros. Pertencem a uma classe social de assalariados de baixa e média renda, que vivem dentro dos limites do bairro, incrustados na vida de uma área burguesa carioca. Nessa escola, os procedimentos para o desenvolvimento da oficina foram os mesmos; porém, o resultado da narrativa para o livro diferiu bastante.

A história contada pelas crianças girava em torno dos preparativos para inauguração de uma casa de festas na Barra da Tijuca, bairro neoburguês da cidade. Pontos significativos na estrutura das moradias dos personagens foram: casas grandiosas com banheiras de ouro, piscinas, mais de um carro e vista para o mar. Os personagens entabulavam conversas de conteúdos frívolos, tais como a maneira como deveriam se vestir, maquiagem, penteados, fofocas de namoros entre conhecidos... A estrutura era toda muito similar à dos conteúdos das novelas mostradas na televisão aberta, que cultivam o glamour da vida das camadas mais abastadas da sociedade.

Evidenciam-se mais uma vez nesse registro, por fim, as condições socioculturais que permeiam o espaço de construção do imaginário narrativo. Observamos que, apesar das dificuldades no cotidiano das crianças em áreas de risco, existe um complexo campo de forças. A descoberta e realização de conteúdos artísticos leva a uma emancipação de narrativas do circuito imposto pela mídia de massa. A experiência estética nos dá acesso ao outro, como um meio de abertura à alteridade, tornando-nos mais sensíveis a ela. A estética estimula nossa capacidade de compreender a realidade através dos canais de sensibilidade.

LIMA, Maria da Graça Muniz. É fogo… processo criativo em áreas de risco. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-19, ano 20, nº 42, julho/setembro de 2020.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de setembro de 2020.



Referências:

ABRAMOVAY, M. (Org.). *Cotidiano das escolas: entre Violências.* Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2005.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CASSIRER,Ernst. *Ensaio sobre o homem.* São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2005.

ELIAS, Nobert. *The civilizing process: sociogenetic and psychogenetic investigations*. Massachusetts: Blackwell, 2000.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.